

Internacional contra
o HIV/SIDA

Aliança

Acção de apoio comunitário à SIDA
em países em desenvolvimento

As Crianças do Amanhã: Notas Temáticas na África Vasta

Visão Geral



Recursos para comunidades
que trabalham com crianças
órfãs e vulneráveis

Agradecimentos

O que é a Aliança Internacional Contra o HIV/SIDA?

A Aliança Internacional Contra o HIV/SIDA (Aliança) é uma organização internacional não governamental que apoia comunidades em países em desenvolvimento com o objectivo de fazer uma contribuição significativa na prevenção do HIV, na assistência à SIDA e no apoio a crianças afectadas pela epidemia. Desde a sua fundação em 1993, a Aliança tem fornecido assistência financeira e técnica a ONGs e OBCs de mais de 40 países.

© Copyright texto International HIV/AIDS Alliance 2003

© Copyright ilustrações David Gifford 2003
As informações e ilustrações contidas nesta publicação podem ser livremente reproduzidas, publicadas ou de outra forma usadas em atividades que não visem o lucro sem a autorização prévia da International HIV/AIDS Alliance. No entanto, a International HIV/AIDS Alliance exige sua citação como fonte de tais informações.

Esses recursos tornaram-se viáveis através do apoio da U.S. Agency for International Development (USAID) e USAID Bureau for Africa sob os termos da Concessão Número HRN-G-00-98-00010-00, e da Swedish International Development Agency (Sida). Opiniões aqui expressas não reflectem necessariamente as opiniões dos patrocinadores mencionados acima.

A Aliança gostaria de agradecer a todos aqueles que contribuíram para esta publicação:

MEMBROS DO GRUPO DE DESENVOLVIMENTO AS CRIANÇAS DO AMANHÃ

Adama Gueye, RNP+, Senegal; Alioune Fall, ANCS, Senegal; Amadou Sambe, CEGID, Senegal; Amani Mwangomba, TICOBABO, Quênia; Ana Gerónimo Martins, Associação Mulemba, Angola; Ana Pereira, Pastoral da Criança, Angola; Angello Mbola Terca, Caritas Angola, Angola; Anne Sjord, CONCERN, Uganda; Baba Goumbala, ANCS, Senegal; Batuke Walusiku, Forum for the Advancement of Women Educationists in Zambia, Zâmbia; Beven Mwachande, Salvation Army Masiye Camp, Zimbabwe; Boniface Kalanda, National AIDS Commission, Malawi; Bonifacio Mahumane, Save the Children, Moçambique; Boubacar Mane, Bokk Jëf, Senegal; Brice Millogo, IPC, Burkina Faso; Bruno Somé, IPC, Burkina Faso; C. Nleya, Ministry of Health and Child Welfare, Zimbabwe; Carina Winberg, Kubatsirana, Moçambique; Catherine Diouf, SWAA, Senegal; Catherine Fall, Bokk Jëf, Senegal; Catherine S. Ogolla, KANCO, Quênia; Charles Becker, Réser-SIDA, Senegal; Clara Chinaca, Kubatsirana, Moçambique; David Mawejje, Save the Children UK, Uganda; Deo Nyanzi, UNESO, Uganda; Diallo Oumar Allaye, Mali; Dieudonné Bassonon, IPC, Burkina Faso; Djibril M. Baal, Synergie Pour l'Enfance, Senegal; Dorothy Namutamba, NACWOLA, Uganda; Dr. Edgar Lafia, Labo Bactério-virologie, Senegal; Dr. Fatim Louise Dia, ACI, Senegal; Dr. Léopold Gaston Boissy, Chu Fann, Senegal; Dr. Mame Anta Ngoné, Ndour Réser-Sida, Senegal; Dr. Maty Diouf, Synergie Pour l'Enfance, Senegal; Dr. Nakakeeto Margaret, Mulago Hospital, Uganda; Dr. Yakhya Ba, Synergie Pour l'Enfance, Senegal; Dr. Mtana Lewa, COBA, Quênia; Dr. Richard Okech, Plan International, Uganda; Ellen Jiyani, Malawi; Estela Paulo, FDC, Moçambique; Fodé konde, AJTB, Burkina Faso; Fortune Thembo, Salvation Army Masiye Camp, Zimbabwe; Fr. Alberto Mandavili, Caritas de Angola, Angola; Franceline Kaboré, IPC, Burkina Faso; Francisco Dala, Centro de Apoio as Crianças Órfãs, Angola; George Alufandika, Malawi; Hector Chiboola, University of Zambia, Zâmbia; Hope for a Child in Christ, Zimbabwe; Humphrey Shumba, Save the Children UK, Malawi; Irmã Emília Buendo, Abrigo das Crianças Órfãs, Angola; Jacinta Wamiti, COREMI, Quênia; Jackie Nabwire, NACWOLA, Uganda; Jacob Mati, IDS, Quênia; James Njuguna, UNV/NACC, Quênia; Jane Nalubega, Child Advocacy International, Uganda; John Williamson, Technical Advisor, DCOF, EUA; Kally Niang, CEGID, Senegal; Keith Heywood, Christian Brothers College, Zimbabwe; Khalifa Soulama, IPC, Burkina Faso; Kilton Moyo, Thuthuka Project, Zimbabwe; Lillian Mworeko, UNASO, Uganda; Linda Dube, Salvation Army Masiye Camp, Zimbabwe; Ludifine Opundo, SWAK, Quênia; Lukubo Mary, TASO, Uganda; Mame Diarra Seck, RNP+, Senegal; Mark Rabundi, St. John



Agradecimentos

Community Center, Quênia; Mary Simasiku, Care International Zambia, Zâmbia; Ncazelo Ncube, Salvation Army Masive Camp, Zimbabwe; Ndèye Seynabou Ndoye Ngom, Synergie Pour l'Enfance, Senegal; Noah Sanganyi, Children's Department, Quênia; Olex Kamowa, Malawi; PACT Zimbabwe, Zimbabwe; Pafadnam Frédéric, APASEV, Burkina Faso; Pamela Mugisha, Action Aid, Uganda; Pastor Z.K. Khadambi, PAG, Quênia; Patience Lily Alidri, Save the Children UK, Uganda; Patrick Nayupe, Save the Children UK, Malawi; Petronella Mayeya, African Regional Council for Mental Health, Zâmbia; Resistance Mhlanga, Salvation Army Masiye Camp, Zimbabwe; Rose Kambewa, Malawi; Sawadogo Fati, AAS, Burkina Faso; Simon Ochieng, FHI, Quênia; Simon Pierre Sagna, Sida-Service, Senegal; Sobgo Gaston, Save the Children, Burkina Faso; Some Paul-André, IPC, Burkina Faso; Sphelile Kaseke, National Aids Council Youth Task Force – Bulawayo, Zimbabwe; T. Ncube, Ministry of Health and Child Welfare, Zimbabwe; Tahirou Ndoye, CEGID, Senegal; Thompson Odoki, UWESO, Uganda; Tommaso Giovacchini, Save The Children UK, Angola; V. N. Thatha, Ministry of Education and Culture, Zimbabwe; Victor K. Jere, Save the Children USA, Malawi; Wachira Mugo, ARO, Quênia; Wairimu Mungai, WEMIHS, Quênia; Willard Manjolo, Ministry of Gender, Youth and Community Services, Malawi; Yacouba Kaboré, MSF/EDR, Burkina Faso.

MEMBROS DA JUNTA DE CONSULTORIA AS CRIANÇAS DO AMANHÃ

Amaya Gillespie, UNICEF, EUA; Andrew Chetley, Exchange, Healthlink Worldwide, Reino Unido; Brenda Yamba, SCOPE, Zâmbia; Denis Tindyebwa, Regional Centre for Quality of Health Care, Uganda; Doug Webb, Save the Children UK, Reino Unido; Dr. Ngagne Mbaye, Synergie Pour l'Enfance, Senegal; Eka Williams, Population Council, África do Sul; Elaine Ireland, Save the Children UK, Reino Unido; Geoff Foster, Zimbabwe; Jill Donahue, Catholic Relief Services, Zimbabwe; John Musanje, Family Health Trust, Zâmbia; Peter McDermott, USAID Bureau for Africa, EUA; Stan Phiri, UNICEF, Quênia; Stefan Germann, Salvation Army Masiye Camp, Zimbabwe; Tenso Kalala, SCOPE, Zâmbia.

FUNCIÓNÁRIOS E CONSULTORES DA ALIANÇA INTERNACIONAL CONTRA O HIV/SIDA

Histórico

Essas Notas Temáticas fazem parte de um conjunto de seis documentos, do qual constam cinco assuntos e esta visão geral:

- Apoio educacional
- Saúde e nutrição
- Apoio psicossocial
- Inclusão social
- Fortalecimento económico

Todas essas áreas são importantes e devem ser consideradas em conjunto para fornecer uma resposta integrada.

Cada uma dessas Notas Temáticas inclui uma visão geral pormenorizada das principais necessidades e princípios que devem orientar as estratégias recolhidas a partir das melhores experiências práticas do programa. Cada documento também vem acompanhado de um conjunto de guias de actividades participativas, ou guias de adaptação, para ajudar as organizações a adaptar cada um destes princípios à sua situação local.

Essas Notas Temáticas foram criadas através de um processo altamente participativo, orientado por uma junta de consultoria internacional. Durante a criação dessas Notas Temáticas em inglês, francês e português, elas foram revisadas por mais de 80 pessoas na África. Essas pessoas leram e fizeram comentários sobre os artigos, e adicionaram exemplos e estudos de caso de seus próprios países. Uma parte da revisão ocorreu numa reunião em Uganda, onde compareceram vinte pessoas de Uganda, Malawi, Zâmbia, Zimbábue, Quênia, Burkina Faso, Senegal, Mali, Moçambique e Angola. As pessoas que compareceram a essa reunião levaram as Notas Temáticas de volta aos seus colegas nos seus países de origem, os quais fizeram mais um processo de revisão. Os exemplos e os estudos de caso desse processo foram anotados no texto como vindo de um "Membro do Grupo de Desenvolvimento As Crianças do Amanhã".

Essas Notas Temáticas estão divididas em quatro secções:

INTRODUÇÃO

Uma visão geral que explica porque os programas precisam fortalecer as habilidades e os recursos das famílias e comunidades para que elas possam lidar com o impacto do HIV/SIDA.

ASSUNTOS

Um esboço do impacto do HIV/SIDA nas crianças.

PRINCÍPIOS

Orientação para programas que visam fortalecer a capacitação de crianças vulneráveis, famílias e comunidades.



Histórico

ESTRATÉGIAS

Maneiras possíveis de agir de modo a fortalecer o apoio oferecido a crianças órfãs e vulneráveis.

Existe uma base de evidência cada vez maior para estratégias que sejam eficazes em apoiar crianças órfãs e vulneráveis. Como a base de evidência ainda não está completa, as estratégias nas Notas Temáticas incluem aquelas que foram implementadas, assim como sugestões para estratégias baseadas na experiência de pessoas que trabalham com crianças órfãs e vulneráveis. Sendo assim, as estratégias não são dadas em nenhuma ordem de prioridade ou eficácia relativa.

Introdução

A epidemia do HIV/SIDA está a aumentar o número de crianças órfãs e vulneráveis. Até hoje, a maioria dos programas centrou-se em atender às necessidades materiais básicas dessas crianças. No entanto, as crianças órfãs e vulneráveis tem várias outras necessidades. Sem o suprimento dessas necessidades, o futuro dessas crianças, de suas famílias e das comunidades onde vivem estará ameaçado. Esta é a primeira de uma série de Notas Temáticas que visam ajudar organizações governamentais, não governamentais, religiosas e comunitárias a fornecer um apoio mais efectivo às crianças órfãs e vulneráveis e às famílias e comunidades que cuidam delas.

Esta visão geral faz um esboço de assuntos importantes sobre o trabalho com órfãos e crianças que se tornaram vulneráveis devido ao HIV/SIDA e resume princípios para programas de apoio.

Assuntos

QUAL É A EXTENSÃO DO PROBLEMA?

De acordo com a obra "Children on the Brink"¹ estimou-se que em 2001 havia 34,3 milhões de órfãos (maternos, duplos e paternos) na África ao sul do Saara como resultados de variadas causas. Cerca de uma em oito crianças de todas as crianças na África são órfãs.

Entre as crianças vulneráveis também estão incluídas as que vivem com o HIV, as afectadas pela doença de um dos pais e as que vivem em lares que cuidam de muitos órfãos ou em comunidades gravemente afectadas pela epidemia. Mais de 80% das crianças que vivem com o HIV, vivem na África ao sul do Saara. Milhões delas estão a viver com pais doentes e muitas outras estão a viver em lares que lutam para fornecer cuidados aos órfãos. Nas áreas urbanas de Burundi, por exemplo, mais de 20% das crianças são directa ou indirectamente afectadas pelo HIV/SIDA.

Mesmo se as taxas de infecção do HIV/SIDA diminuïrem, a doença e a morte irão continuar durante muitos anos devido ao número de pessoas que já estão infectadas, de forma que o número de crianças órfãs e vulneráveis ainda permanecerá alto.

QUAL É O EFEITO SOBRE AS CRIANÇAS?

A epidemia do HIV/SIDA está a afectar os direitos humanos básicos da criança, incluindo os direitos à saúde, desenvolvimento, sobrevivência, educação, descanso e lazer, protecção contra a exploração sexual e económica, o abuso e a negligência. Os efeitos são mais agravantes para as crianças que vivem nas famílias e comunidades mais carentes.

As crianças órfãs e vulneráveis têm maior probabilidade de desistir de estudar, de ter saúde e nutrição inferior à média e de ter que começar a trabalhar cedo. As crianças sem pais ou cujos pais estão doentes, são carentes de amor, cuidado e atenção, sofrem estigma e discriminação, e são mais vulneráveis à infecção pelo HIV. Estas crianças sem apoio emocional para lidar com a perda e o trauma, enfrentam sérios problemas psicológicos a longo prazo.

As crianças que são negligenciadas ou abandonadas podem acabar por viver nas ruas de cidades grandes, onde tornam-se vulneráveis a envolverem-se com drogas e álcool, prostituição e crime.

As crianças mais novas, sem pais, correm risco especial de sofrer efeitos adversos. As raparigas são mais vulneráveis ao impacto desfavorável da epidemia e à infecção pelo HIV porque, em geral, são responsáveis pelas tarefas domésticas e cuidados dos pais doentes e irmãos mais novos; as raparigas também são mais

Assuntos

vulneráveis ao abuso e à exploração sexual no trabalho como empregadas domésticas, na prostituição e no tráfico de drogas; além disso, elas têm menos acesso à educação, informação, instrução profissional e emprego, além de terem direitos desiguais em relação a propriedades e terras.

Alguns factores que afectam o bem-estar das crianças órfãs e vulneráveis:

- Idade e sexo
- Morte da mãe, pai ou ambos
- Idade do tutor e número de dependentes
- Número de adultos e crianças nas famílias de acolhimento
- Inclusão na vida em família e comunitária
- Estigma e discriminação
- Acesso aos serviços sociais, de saúde e educação
- Renda e status económico da família de acolhimento
- Redes de segurança comunitárias e governamentais

MUDANÇA DAS ESTRUTURAS FAMILIARES NO ZIMBABWE

Tradicionalmente, as pessoas mais idosas da família costumavam reunir-se para responsabilizar um parente, geralmente o irmão mais velho do pai, para cuidar de uma criança órfã. Entretanto, está cada vez mais difícil para as famílias fazer isto. No Zimbabwe, um estudo de 300 lares órfãos, em 1995, revelou que 50% dos prestadores de cuidados eram avós e que 3% das famílias eram chefiadas por crianças, algumas com apenas 11 anos de idade. As crianças que são cuidadas por avós idosos enfrentam a orfandade pela segunda vez quando estes morrem.

Foster G., Makufa C., Drew R., Kambeu S. and Saurombe K. (1996)



COMO AS FAMÍLIAS E AS COMUNIDADES RESPONDEM?

As famílias, os vizinhos e as comunidades são sempre os primeiros a tentar atender às necessidades das crianças órfãs e vulneráveis. Entretanto, o número cada vez maior de crianças órfãs e vulneráveis, representa uma pressão extra sobre as famílias e comunidades que no seu dia a dia confrontam o problema da pobreza e infortúnio.

Em muitas comunidades, a epidemia do HIV/SIDA está a mudar as estruturas sociais e familiares, de modo que existem crianças cuidadas por um dos pais, pelos avós, pelos irmãos mais velhos, por outros parentes ou por famílias adoptivas.

Muitas lares que cuidam de crianças órfãs e vulneráveis, a incluir lares chefiados por crianças, recebem pouco ou nenhum apoio de suas famílias, comunidades ou governos. Os lares já marginalizados e localizados em centrourbanos, que não contam com uma rede de parentes ao seu redor, são, em geral, os que recebem menos apoio.



Actualmente a família alargada já não consegue enfrentar a situação

Princípios

1

AVALIAR E VISAR NECESSIDADES

- **Descobrir os problemas e necessidades específicos**

Os programas que visam fornecer apoio a famílias e comunidades precisam, primeiramente, entender os problemas específicos das crianças, famílias e comunidades afectadas, e como elas estão a lidar com essas dificuldades.

Vários factores irão influenciar as estratégias de como lidar com essas necessidades e problemas. Por exemplo, a estrutura e cultura familiares irão afectar as opções de como cuidar dessas crianças e de como entender quem é responsável pelos cuidados das crianças órfãs. A habilidade de superar problemas será afectada pela natureza da actividade económica desenvolvida. Em áreas urbanas, por exemplo, a perda de um trabalhador assalariado pode ser devastadora. Em áreas rurais, a perda de adultos sadios pode ter grande impacto sobre sistemas de agricultura que exijam trabalho intensivo. A disponibilidade e as condições financeiras para obter assistência médica e instrução primária afectarão o acesso a esses serviços. Também existem diferenças, a depender do lugar, quanto à disponibilidade e qualidade dos serviços de bem-estar social. Em alguns lugares não existem leis e políticas para proteger os direitos da criança; em outros, as leis e políticas existentes não são cumpridas.

- **Trabalho junto às comunidades para definir necessidades e identificar crianças e lares vulneráveis**

Os programas devem envolver comunidades, famílias e crianças na avaliação de necessidades. A participação pode aumentar a conscientização sobre as questões locais e promover um envolvimento maior como resposta.

Os programas também precisam de critérios claros para identificar quais as famílias que devem receber assistência. O envolvimento da comunidade no processo de desenvolvimento de critérios e na identificação de crianças e famílias vulneráveis pode ajudar a promover a transparência e minimizar o ressentimento.

IDENTIFICAÇÃO DE NECESSIDADES NA ZÂMBIA E ZIMBABWE

Na Zâmbia, a Equipe de Desenvolvimento e Saúde Comunitária Chikankata (*Chikankata Community Health and Development Team*) fundou comités locais do Crianças Necessitadas (*Children in Need*) que abrange professores, trabalhadores de saúde e líderes comunitários instruídos em educação comunitária e familiar, aconselhamento terapêutico e defesa de crianças em situações de abuso infantil. Os membros do comité fazem o registo de crianças órfãs e vulneráveis, e conduzem visitas domiciliares frequentes para avaliar necessidades e problemas.

Membro do Grupo de Desenvolvimento As Crianças do Amanhã

Princípios

No Zimbábue, o programa Famílias, Órfãos e Crianças sob Tensão (*Orphans and Children Under Stress – FOCUS*) tem cerca de 140 voluntárias mulheres, muitas delas viúvas a cuidar de outros órfãos, que recebem instrução básica para identificar e registrar órfãos na comunidade, identificar necessitados de assistência, fazer visitas frequentes e fornecer apoio material e prático para possibilitar que as crianças permaneçam a viver em suas casas e comunidades. As voluntárias desenvolveram seus próprios critérios para identificar as crianças mais necessitadas, a incluir, por exemplo, crianças totalmente sem alimentos ou sem sinais de que tenham tido alimentos cozidos recentemente, crianças sujas e em farrapos, moradia a precisar de reparo e isolamento. Algumas comunidades criaram fóruns para o bem-estar infantil que envolvem líderes da própria comunidade. Isso garante que a comunidade entenda porque alguns lares são escolhidos para receber apoio, permite que as voluntárias influenciem na tomada de decisão, e tem, inclusive, melhorado o apoio oferecido a crianças e famílias afectadas.

Membro do Grupo de Desenvolvimento As Crianças do Amanhã

- **Visar crianças, lares e comunidades mais vulneráveis**

As políticas e os programas devem visar as comunidades onde a epidemia criou muitas crianças órfãs e vulneráveis e onde muitas famílias são afectadas pelo HIV/SIDA. Nestas comunidades, a assistência deve visar as crianças e famílias mais vulneráveis, independentemente das causas dessa situação.

Focalizar apenas nos órfãos exclui crianças cujas vidas também são afectadas pela epidemia, por exemplo, crianças que vivem com pais doentes terminais ou em famílias empobrecidas pelo HIV/SIDA. Escolher apenas 'órfãos da SIDA' também pode aumentar o isolamento, acentuar o estigma e causar ressentimento nas comunidades e nas famílias de acolhimento. Os programas que fornecem apoio a todas as crianças órfãs e vulneráveis, não apenas a 'órfãos da SIDA', podem ajudar a reduzir o estigma e a discriminação.

Os programas podem identificar acções estratégicas para fornecer serviços específicos (por exemplo, cuidados infantis, geração de rendas, crédito e empréstimos, produção de alimentos, apoio psicossocial e visitas domiciliares de voluntários) para crianças e lares mais vulneráveis ou para apoiar ONGs e OBCs na assistência técnica, orientação de políticas e planeamento, instrução e recursos, de forma a ajudar essas instituições a desenvolver abordagens eficazes de fornecimento de apoio específico.



Ambas as crianças precisam de ajuda

Princípios

DESENVOLVIMENTO DE APOIO COMUNITÁRIO PARA CRIANÇAS ÓRFÃS E VULNERÁVEIS NO ZIMBABWE

No Zimbábue, algumas organizações optaram por uma abordagem dividida em fases para os programas de apoio a crianças:

1. Avaliação da situação -

identificação do número de órfãos da SIDA e outras crianças que precisam de cuidados especiais e protecção; identificação de quem está a cuidar dessas crianças e como elas estão a viver. Os comités regionais e comités das vilas responsabilizam-se por essas tarefas após receberem instruções do Fórum do Bem-estar da Criança (*Child Welfare Forum*).

2. Conscientização da comunidade sobre as necessidades das crianças órfãs e vulneráveis - as comunidades são incentivadas a discutir o problema, trocar experiências e identificar possíveis soluções. Organizam-se reuniões com líderes e chefes locais, líderes religiosos e políticos.

3. Fortalecimento das comunidades através de projectos e actividades comuns - voluntários organizam iniciativas práticas para garantir que os órfãos recebam alimentos, acomodação, vestuário e ajuda com tarefas.

Membro do Grupo de Desenvolvimento As Crianças do Amanhã

2

DESENVOLVER CAPACITAÇÃO COMUNITÁRIA

• Mobilizar comunidades para que assumam responsabilidades

As políticas e programas devem centrar-se na mobilização e capacitação das comunidades para que assumam a responsabilidade pelas crianças órfãs e vulneráveis. As Organizações externas podem ajudar a fortalecer as habilidades de comités e associações comunitários. As comunidades não devem apenas identificar quais são as crianças e os lares mais vulneráveis, mas também as estratégias para poder apoiá-los.

Desta forma, os passos para mobilização incluem:

- Facilitar o reconhecimento comunitário do problema e a necessidade de trabalhar em conjunto.
- Desenvolver o sentimento de apropriação do projecto pela comunidade.
- Identificar recursos, conhecimento e habilidades disponíveis na comunidade.
- Identificar necessidades urgentes.
- Obter recursos adicionais, planear e administrar actividades.

• Fortalecer a capacitação das famílias e comunidades

As crianças crescem e desenvolvem-se melhor em ambientes comunitários do que em instituições. As instituições só devem ser utilizadas quando não existe outra opção e, mesmo assim, só devem ser utilizadas como uma solução a curto prazo. Os custos institucionais são muito mais altos do que os custos de fornecimento de apoio a famílias e comunidades.



Crianças desenvolvem-se melhor numa família do que numa instituição

Princípios

MOBILIZAÇÃO COMUNITÁRIA EM MALAWI

Em Malawi, o programa *Opções Comunitárias para a Protecção e Concessão de Poderes (Community-based Options for Protection and Empowerment - COPE)* está a apoiar comunidades para que se organizem e cuidem de órfãos através do desenvolvimento de esforços já existentes. O COPE ajudou comunidades a fundar Comitês de Órfãos em aldeias e identificou as seguintes características e habilidades chaves em mobilizadores comunitários eficazes: liderança, compreensão do porquê da resistência que as comunidades apresentam a mudanças e como superá-la, senso de humor, habilidade de actuar como modelo, senso de respeito pela comunidade e sua cultura, compromisso em deixar que as comunidades tomem a liderança, paciência, compromisso, respeito pelo aspecto confidencial de certas questões e habilidades interpessoais de facilitação, de planeamento, de motivação e no ensino de adultos.

Membro do Grupo de Desenvolvimento As Crianças do Amanhã

Assim, os programas devem visar o apoio a famílias e comunidades para que desenvolvam capacitação quanto aos cuidados de crianças órfãs e vulneráveis. Isto inclui o fortalecimento de redes de segurança comunitárias, a centralização do bem-estar nas comunidades e a melhoria da capacidade económica das famílias, ao invés da focalização em casos individuais. Deve-se tentar melhorar a capacidade familiar e comunitária no intuito de atender às necessidades psicossociais das crianças e prevenir futuros problemas psicológicos, emocionais, comportamentais e sociais.

- **Garantir que o apoio externo não subestime a iniciativa e a motivação da comunidade**

Os programas devem reforçar os esforços já existentes de cuidados de crianças órfãs e vulneráveis desenvolvidos pelas próprias comunidades e famílias, ao invés de criar estruturas ou mecanismos novos que possam subestimá-los. Isso significa trabalhar junto a organizações como igrejas, escolas e grupos de mulheres, e desenvolver estruturas comunitárias que já tenham sido mobilizadas para lidar com assuntos como água e saneamento, desenvolvimento económico e saúde.

Os programas devem evitar a criação de dependência de contribuições externas, embora deva-se levar em conta as necessidades das comunidades cujos membros possuam poucos recursos. As organizações externas podem fornecer apoio directamente às comunidades ou fortalecer a capacidade de organizações intermediárias que apoiem iniciativas comunitárias. O ideal é que as comunidades tenham acesso directo aos recursos. Se isso não for possível, as organizações intermediárias irão precisar desenvolver mecanismos transparentes para certificarem-se de que os recursos serão utilizados de maneira efectiva e equitativa.

Princípios

LIÇÕES CHAVES APRENDIDAS A PARTIR DA AVALIAÇÃO DO PROGRAMA FOCUS NO ZIMBABWE

- O sentimento de apropriação do projecto por parte da comunidade é vital, além de ser necessário envolver a comunidade mais ampla e colaboradores individuais.
- Desenvolver programas baseados nas necessidades e recursos da comunidade, e estratégias baseadas em práticas e culturas preexistentes, por exemplo, a visita domiciliar.
- Utilizar pontos de entrada na comunidade, por exemplo, contactos preexistentes com instituições religiosas.
- Utilizar e seleccionar voluntários que tenham credibilidade na comunidade. Por exemplo, mulheres membros da igreja são de maior confiança e provavelmente não irão exigir remuneração financeira ou material. No entanto, é importante fornecer apoio, reconhecimento e outros incentivos aos voluntários, como por exemplo, passeios.
- Evitar criar expectativas quanto a apoio material e financeiro ou fornecer contribuições que não possam ser mantidas.
- A mobilização comunitária em áreas urbanas é mais difícil.
- Planejar programação de acordo com as demandas próprias da estação do ano em relação à agricultura.
- Evitar que organizações internacionais façam muitas visitas à comunidade, visto que isso pode criar suspeitas de que recursos substanciais estejam a ser oferecidos e extraviados por ONGs, supervisores ou voluntários.
- Ter o cuidado de manter um equilíbrio entre o trabalho que concorda com os desejos comunitários e questões desafiadoras, como o abuso sexual ou a falta de participação das crianças.

Lee, T. (1999)

Estratégias

TRABALHO EM PARCERIA

Na Zâmbia, a Rede Criança Necessitada (*Child in Need Network*), a qual inclui mais que 70 ONGs e OBCs e dois departamentos governamentais, reúne-se, troca informações sobre abordagens para trabalhar com crianças necessitadas e organiza visitas de intercâmbio para compartilhar suas melhores práticas; fornece instruções e materiais educacionais para desenvolver habilidades (como por exemplo, em aconselhamento psicossocial e mobilização de comunidades); desenvolve a conscientização sobre as necessidades e os direitos infantis, e advoga a nível governamental e com outros colaboradores para mudar políticas. Essa instituição tem ajudado a melhorar o encaminhamento e a reduzir a duplicação de actividades.

Membro do Grupo de Desenvolvimento As Crianças do Amanhã

Na Zâmbia, o projecto Fortalecendo Parcerias Comunitárias para o Empoderamento das Crianças Órfãs e Vulneráveis (*Strengthening Community Partnerships for the Empowerment of OVC - SCOPE*) fortalece os esforços comunitários através de comités de crianças distritais de diversos sectores. Um exemplo de actividade de parceria são as escolas comunitárias em Lusaka. Essas escolas são administradas por um grupo de igrejas em colaboração com a Secretaria de Escolas Comunitárias e as Escolas Comunitárias Abertas da Zâmbia (*Zambia Community Schools Secretariat and Zambia Open Community Schools*), as quais apoiam a instrução de professores de escolas comunitárias e fornecem materiais escolares básicos.

Membro do Grupo de Desenvolvimento As Crianças do Amanhã

1 DESENVOLVER PARCERIAS E COLABORAÇÕES

- **Promover a colaboração entre as actividades de prevenção e cuidados relativos ao HIV/SIDA e o apoio às crianças órfãs e vulneráveis**

Muitas comunidades e organizações já estão a efectuar actividades relacionadas com a prevenção e os cuidados relativos ao HIV/SIDA, de forma que programas preexistentes podem ser uma maneira eficaz de identificar e atingir crianças e lares necessitados. Por exemplo, esforços para fornecer apoio às crianças órfãs e vulneráveis poderiam ser integrados a actividades de assistência domiciliar.

- **Desenvolver respostas em diversos sectores estabelecendo parcerias em todos os níveis**

Os programas precisam ter uma abordagem integrada que atenda às necessidades nutricionais, psicossociais, educacionais, económicas e de saúde das crianças órfãs e vulneráveis e das famílias que cuidam delas. A maioria das organizações fornece uma gama limitada de serviços, num campo específico, de modo que poucas conseguem atender a todas essas necessidades. São necessárias parcerias estratégicas para que seja possível fornecer apoio abrangente e serviço complementar a um número maior de crianças e lares necessitados.

Portanto, os programas precisam envolver uma variedade de sectores, além de promover a colaboração, a interligação e o encaminhamento entre os diferentes fornecedores de serviços governamentais, as ONGs, as OBCs e as comunidades. Atenção especial deve ser dada ao fortalecimento do papel das escolas. As parcerias efectivas, que evitam a duplicação de esforços, exigem flexibilidade, boa coordenação e processos democráticos de tomada de decisão.

Os programas para as crianças órfãs e vulneráveis também devem estar, sempre que possível, integrados aos serviços preexistentes, por exemplo, extensão agrícola, acção social e serviços de saúde comunitários.

Os programas também precisam incentivar os governos a envolver todos os sectores públicos e privados tais como: educação, acção social, agricultura, comércio, ONGs, organizações religiosas, comunidade etc. no processo de coordenação efectiva de acções para o atendimento das necessidades das crianças.

Estratégias

UMA RESPOSTA EM DIVERSOS SECTORES EM BOTSWANA

Em 1999, a Botswana fundou um Programa Nacional de Órfãos que reuniu departamentos do governo, ONGs, OBCs e o sector privado para analisar e desenvolver políticas, fornecer serviços de bem-estar social, apoiar iniciativas comunitárias e monitorar e avaliar actividades. O Programa coordena o registo de órfãos e está a rever leis e políticas relacionadas à paternidade, custódia de crianças e tutela, com base na Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança. Num determinado distrito, o governo contratou o fornecimento de serviços essenciais para órfãos ao Truste de Órfãos de Bobirwa (*Bobirwa Orphan Trust*), o qual é administrado por voluntários comunitários e funcionários locais. O Truste identifica e regista crianças, avalia suas necessidades, inicia a colocação das crianças em famílias de acolhimento na comunidade, identifica fontes de apoio material e encaminha os necessitados ao Departamento de Acção Social e da Comunidade (*Social Welfare and Community Development Department*), o qual fornece assistência em termos de alimentos, vestuário, passagens de autocarro para a escola (ida e volta) e uniformes escolares.

UNAIDS and UNICEF (1999)



No Zimbabwe, as organizações religiosas são geralmente uma das poucas fontes de apoio para crianças órfãs e vulneráveis e famílias carentes. Líderes religiosos podem ajudar a mobilizar as comunidades, uma vez que os voluntários são, em geral, motivados pelas suas crenças religiosas. No Zimbabwe, 30 diferentes programas de apoio para órfãos, a envolver quase 500 voluntários pertencentes a 103 igrejas locais, fornecem assistência a mais de 12 mil crianças e famílias necessitadas. A principal organização, Órfãos do Zimbabwe através de Mãos Estendidas (*Zimbabwe Orphans Through Extended Hands – ZOE*), fundada para fornecer apoio financeiro e instrução às iniciativas comunitárias e para ajudá-las a expandir-se, passou a incluir a geração de rendas e o apoio psicossocial, assim como apoio material e espiritual – o que reflecte uma mudança de ajuda para empoderamento e auto-confiança.

Membro do Grupo de Desenvolvimento As Crianças do Amanhã

2 CRIAR UM AMBIENTE FAVORÁVEL

• Liderança política, leis e políticas

O desenvolvimento de um ambiente de apoio exige esforços para aumentar a conscientização e o compromisso entre os responsáveis por políticas e o grande público, para estabelecer leis e políticas de protecção das crianças órfãs e vulneráveis e para reduzir o estigma e a discriminação associados ao HIV/SIDA.



Comunidades devem se responsabilizar por crianças órfãs e vulneráveis

Estratégias

PROTECÇÃO DOS DIREITOS DA CRIANÇA EM MALAWI

Em 1991, o Malawi fundou a Força Nacional de Cuidados de Órfãos (*National Orphan Care Task Force*). A Força, que inclui representantes de agências governamentais, ONGs, agentes internacionais como a UNICEF e organizações religiosas, foi responsável pelo desenvolvimento de uma política nacional de cuidados de órfãos e pela recomendação de mudanças no Acto de Testamentos e Heranças (*Wills and Inheritance Act*), no Acto de Adopção (*Adoption Act*) e no Acto de Crianças e Jovens (*Children and Young Person's Act*) para proteger os direitos dos órfãos. O governo também tomou as providências necessárias para proteger os direitos das mulheres a propriedades, independentemente do seu status civil, e a reter a tutela de seus filhos após a morte do pai das crianças.

Membro do Grupo de Desenvolvimento As Crianças do Amanhã

A determinação e a liderança política são essenciais para atender às necessidades das crianças órfãs e vulneráveis e das crianças em geral. Por exemplo, o compromisso do governo e o investimento em serviços básicos, como ensino primário, nutrição, assistência médica primária, água e saneamento com custos acessíveis, irão beneficiar as crianças mais do que a atribuição de recursos a serviços de hospitais ou ao ensino secundário.

As famílias e comunidades nem sempre ajudam as crianças órfãs e vulneráveis, e os programas podem precisar lutar por uma estrutura legal e por políticas que as protejam – por exemplo, leis e políticas que proíbam o trabalho exploratório e prejudicial, protejam os direitos de herança das mulheres e crianças, protejam as crianças contra o abuso sexual, físico e emocional, proíbam a discriminação em centros que ofereçam assistência médica e educacional, e regulem e apoiem a colocação das crianças em famílias de acolhimento e o cuidado institucional infantil. Os programas também precisam certificar-se de que os governos cumpram com as suas obrigações e intervenham no processo de protecção das crianças que tenham sofrido negligência e abuso.

- **Trabalhar numa estrutura de direitos da criança**

A Convenção sobre os Direitos da Criança (*Convention on the Rights of the Child* – CRC) pode ser utilizada como base para criar um ambiente de apoio, visto que fornece uma estrutura onde o bem-estar e o interesse da criança estão em primeiro lugar; garante que todas as crianças sejam tratadas igualmente; identifica a importância da família, da comunidade e da cultura, além de enfatizar os direitos da criança à vida, à sobrevivência, à protecção, ao desenvolvimento e à participação nas tomadas de decisão. A estrutura da CRC pode ser utilizada para informar os responsáveis por políticas a advogar por elas e a monitorar políticas e leis.

Os usos e costumes que violam os direitos da criança só poderão mudar com o apoio e a cooperação dos líderes comunitários e tradicionais. Proteger os direitos da criança significa:

- Envolver comunidades na definição de direitos.
- Desenvolver consenso.
- Identificar direitos violados.
- Determinar que tipo de acção precisa ser tomada e quem deve ser responsabilizado por mudar a situação ou fazer cumprir as leis e políticas existentes.

Proteger os direitos da criança também requer acções que garantam que essas crianças, assim como os prestadores de cuidados que às

Estratégias

AS CRIANÇAS TÊM OS SEGUINTE DIREITOS

- **Sobrevivência** – isso inclui os direitos à alimentação, acomodação, água limpa e assistência médica.
- **Protecção** – isso inclui protecção contra abuso, negligência e exploração sexual ou de trabalho.
- **Desenvolvimento** – isso inclui o desenvolvimento físico, emocional e psicológico, e os direitos à educação, a brincar e recrear-se, e a um ambiente de amor e carinho.
- **Participação** – isso inclui fazer parte de um ambiente social, ter direito à opinião, acesso à informação e direitos civis (nome, identidade, não discriminação, protecção), económicos, políticos (liberdade de expressão), culturais e religiosos.

Membro do Grupo de Desenvolvimento As Crianças do Amanhã

assistem, estejam cientes de seus direitos e de acções que desenvolvam a capacitação desses indivíduos para compreender esses direitos.

• Considerar especialmente as mulheres e raparigas

Os programas precisam considerar mecanismos para reduzir a vulnerabilidade característica das raparigas e mulheres jovens, a incluir leis para proteger seus direitos, além de introduzir políticas e estratégias para garantir, por exemplo, que tenham acesso à educação.

• Envolver as crianças órfãs e vulneráveis como parte da solução

Os programas devem fortalecer a capacidade das crianças de expressar e atender às suas próprias necessidades. Isso significa escutar essas crianças e incluí-las nas decisões que afectam o seu futuro. Os direitos da criança ao aspecto confidencial e a não discriminação não devem ser afectados pela sua participação na elaboração, implementação, monitoria e avaliação de programas. As crianças devem poder participar de ambientes onde se sintam seguras.



Criar um ambiente favorável para os direitos das crianças

Estratégias

EXEMPLOS DE INDICADORES QUANTITATIVOS

- percentagem de lares em comunidades afectadas com maior acesso a alimentos.
- percentagem de crianças matriculadas e a frequentar escolas regularmente.
- percentagem de lares a receber assistência de grupos ou iniciativas baseados na comunidade.

EXEMPLOS DE INDICADORES QUALITATIVOS

- Relevância – por ex., para as comunidades, famílias e crianças.
- Eficácia – por ex., na identificação de lares e crianças necessitadas, mobilização e apoio comunitário, envolvimento de colaboradores, retenção de voluntários, saúde e nutrição, frequência escolar, qualidade de assistência às crianças, protecção contra abuso, status psicossocial das crianças e desenvolvimento a longo prazo.
- Rendimento – por ex., custo, abordagem integrada, foco em recursos.
- Ético – por ex., manter o aspecto confidencial, impacto do estigma e da discriminação, direitos da criança.

Membro do Grupo de Desenvolvimento As Crianças do Amanhã

Os programas também podem considerar outras formas de envolvimento das crianças órfãs e vulneráveis, por exemplo, em comités comunitários, na instrução domiciliar de cuidados e como educadoras ou fornecedoras de apoio a crianças mais novas.

Kuleana, um centro de direitos da criança em Mwanza, Tanzânia, desenvolveu políticas e programas com a participação total de crianças e conduziu uma pesquisa onde as crianças foram os principais entrevistados. Kuleana também produz uma revista sobre os direitos da criança, a qual é redigida por elas mesmas.

Kuleana Centre for Children's Rights, P. O. Box 27, Mwanza, Tanzania, Advocacy Centre

3 AVALIAR O IMPACTO DAS INTERVENÇÕES

• Monitorar e avaliar

Poucos programas e projectos que fornecem apoio a crianças órfãs e vulneráveis já foram avaliados. É importante que programas monitorem e avaliem o impacto de intervenções a fim de identificar as abordagens mais eficazes, avaliar o custo das actividades de forma a garantir a maximização dos benefícios trazidos pelos recursos disponíveis e avaliar a qualidade da assistência e do apoio fornecidos às crianças, famílias e comunidades afectadas.

• Conduzir pesquisa e compartilhar lições aprendidas

É necessário que se façam mais pesquisas para permitir que os programas atendam às necessidades das crianças órfãs e vulneráveis. Por exemplo, é necessário mais informações sobre questões tais como: migração das crianças órfãs e vulneráveis e factores que levam ao abandono; impacto de tipos diferentes de apoio às crianças e estratégias para evitar a dependência e consequências não intencionais; abordagens mais apropriadas para a provisão de assistência e apoio psicossocial.



Acompanhar o impacto do HIV/SIDA nas crianças

Referências Bibliográficas

Catholic Action for Street Children and UNICEF (1999) *THE EXODUS: The Growing Migration of Children From Ghana's Rural Areas To the Urban Centres*.

Foster, G.; Makufa, C.; Drew, R.; Kambeu, S. and Saurombe, K. (1996) 'Supporting children in need through a community-based, orphan visiting programme', *AIDS Care*, 8: 389-403.

Lee, T. (1999) *FOCUS Evaluation Report*, FACT.

Smart, R. (2001) *Children Living with HIV/AIDS in South Africa: A Rapid Appraisal*, Save the Children UK.

UNAIDS and UNICEF (1999) *Children Orphaned by AIDS: Front-line Responses from Eastern and Southern Africa*.

Recursos Úteis

Children and AIDS International NGO Network (1998) *Children Living in a World with AIDS: Guidelines for Children's Participation in HIV/AIDS Programmes*. Disponível através de: www.pedhivaids.org/education/children_living.html

Donahue, J. and Williamson, J. (1999) *Community Mobilization to Mitigate the Impacts of HIV/AIDS*, Displaced Children and Orphans Fund. Disponível através de: www.displacedchildrenandorphansfund.org/

Hunter, S. and Williamson, J. (1997) *Children on the Brink: Strategies to Support Children Isolated by HIV/AIDS* (atualizado por UNAIDS, UNICEF e USAID em 2002), USAID. Disponível através de: www.unicef.org/pubsgen/children-on-the-brink/

Nyirenda, C. (1996) 'Impact of HIV and AIDS on families and children', *UNDP Issues Paper*, No. 22. Disponível através de: www.undp.org/hiv/publications/issues/english/issue22e.htm

Reid, E. (1993) 'Children in families affected by the HIV epidemic: A strategic approach', *UNDP Issues Paper*, No. 13. Disponível através de: www.undp.org/hiv/publications/issues/english/issue13e.htm

The Orphan Project (2000) *The White Oak Report: Building International Support for Children Affected by AIDS*.

UNAIDS and WHO (2000) *AIDS Epidemic Update*, December.

UNICEF and USAID (2000) *Workshop Report: Eastern and Southern Africa Regional Workshop on Orphans and Vulnerable Children*.

Observações

Observações

Observações

Observações

Disponível também em:

- Inglês
- Francês

Para receber cópias, envie um e-mail para:
publications@aidsalliance.org, ou escreva para:

International HIV/AIDS Alliance
Queensberry House
104-106 Queens Road
Brighton BN1 3XF
United Kingdom

Tel: +44 1273 718900
Fax: +44 1273 718901

E-mail: mail@aidsalliance.org
Websites: www.aidsalliance.org
www.aidsmap.com

Organização de caridade britânica registrada sob o número 1038860

Projectado e produzido por Progression
www.progressiondesign.co.uk

Publicado: junho de 2003



Fabricado com papel
100% reciclado